

# Oligarquias mantêm poder no Congresso

TERESA CARDozo



**ELEIÇÕES 90**

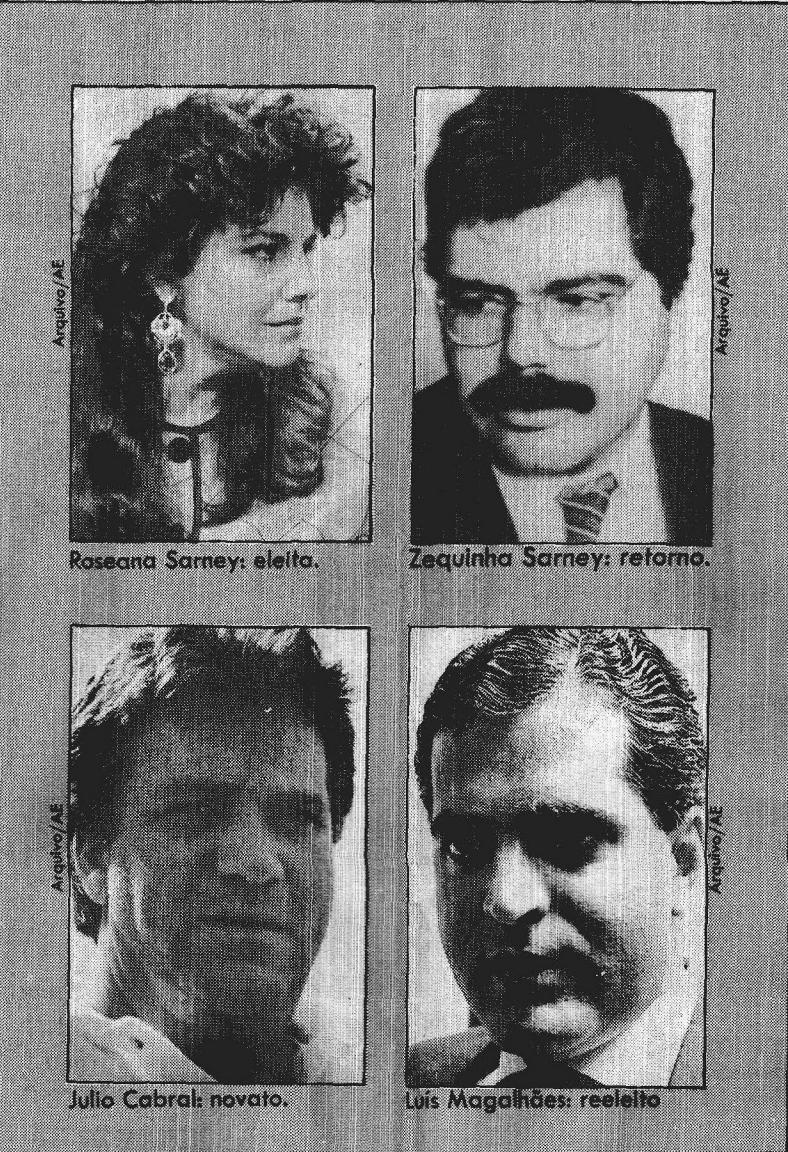
Em fevereiro, quando o Congresso iniciar a 49ª Legislatura, estarão em plenário jurando obedecer à Constituição alguns brasileiros que, antes de representar seus eleitores, interpretam a força das oligarquias que tradicionalmente dominaram o País. Alguns exemplos: Julio, filho do ex-ministro Bernardo Cabral; Roseana e Zequinha, filhos do ex-presidente José Sarney; José Vicente, filho do governador eleito do Rio, Leonel Brizola; Maria, mulher do ex-governador de Goiás, Ary Valadão; Garibaldi, sobrinho do ex-ministro Aluízio Alves; Renildo e Olavo, irmãos do líder do governo na Câmara, Renan Calheiros e Euclides Mello, primo do presidente Fernando Collor. Eles chegam, com raras exceções, para provar que as oligarquias continuam vivas.

A presença de filhos, mulheres e sobrinhos de caciques políticos nos plenários da Câmara e do Senado não é novidade, mas a leva de parentes de nomes ilustres que chegam a Brasília no próximo ano preconizam que a transferência de poder nas famí-

lias de políticos é uma tradição que ainda vai longe. "Isso mostra que o País vive um verdadeiro retrocesso ao tempo das capitâncias hereditárias", comenta o deputado Jayme Santana (PSDB-MA), que fez campanha no Maranhão contra a oligarquia Sarney.

Sarney toma posse em fevereiro como senador pelo PMDB do Amapá, ao lado dos filhos Zequinha e Roseana, deputados federais pelo PFL do Maranhão e que encontrarão em plenário pelo menos outros 15 parlamentares de sua geração que também se elegeram graças ao prestígio dos pais. Paulo Silva, filho do governador do Piauí, Alberto Silva, chega à Câmara sob a acusação de ter-se eleito graças à distribuição irregular da renda escolar do seu Estado, mas o parlamentar diz que virá para Brasília não com a ajuda do pai, mas por mérito próprio.

Com 36 anos, Euclides de Mello, que é primo do presidente Collor e ex-deputado estadual de Alagoas, que renunciou a seu mandato para ajudar o parente na sucessão presidencial, chega a Brasília como deputado federal eleito por São Paulo e com a fama de ter tirado dez mil votos do deputado Roberto Cardoso Alves (PTB-SP), no Vale do Paraíba. O que mais rendeu votos para Euclides de Mello foi a sua ►



► disposição em trazer prefeitos para audiências.

Eleitas pelo prestígio dos maridos chegam Lúcia Vânia (mulher do senador goiano, Irapuan Costa Júnior), Maria Valadão (mulher do ex-governador de Goiás, Ary Valadão), Marluce Pinto (mulher do deputado de Roraima, Otomar Pinto), Lúcia Braga (mulher do governador da Paraíba, Wilson Braga), Teresa Jucá (mulher do candidato a governador de Roraima, Romero Jucá), Rita Camata (mulher do senador capixaba, Gerson Camata), Ângela Amim (mulher do senador eleito de Santa Catarina, Espíridio Amim) e Etevalda Menezes (mulher do deputado capixaba, Nyder Barbosa). Algumas delas brilham em seus Estados com prestígio pessoal, mas a maioria se elegeu graças aos votos puxados pelos maridos.

Conforme Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), que exercerá seu segundo mandato de deputado federal, ser eleito com o prestígio de um familiar — no seu caso, o governador eleito da Bahia, Antonio Carlos Magalhães — não deve incomodar ninguém, "porque todo mundo precisa mesmo de uma ajuda para iniciar-se na política".

Embora sustentem que não dependem do prestígio do irmão para eleger-se, chegam à

Câmara no próximo ano dois integrantes da família Calheiros. Renildo Calheiros, eleito pelo PC do B de Pernambuco, e Olavo Calheiros, pelo PRN de Alagoas, são irmãos de Renan Calheiros, líder do governo que disputa hoje o governo de Alagoas. Mas Renildo teve pouco mais de três mil votos e elegeu-se graças à votação que Miguel Arraes puxou para sua coligação em Pernambuco.

Outros dois irmãos chegam a Brasília com o prestígio de familiares de ministro de Estado. Valdir Guerra, eleito pelo PSP de Mato Grosso do Sul, e Ivânia Guerra, pelo PFL do Paraná, são irmãos do ministro da Saúde, Alceni Guerra. Representando seus pais, chegam também Robson Tuma (filho superintendente da Polícia Federal, de Romeu Tuma); Jutahy Júnior (filho do senador baiano Jutahy Magalhães); Leur Lomanto (filho do ex-senador baiano, Lomanto Júnior); Henrique Eduardo Alves (filho do ex-ministro, Aluízio Alves); e José Siqueira Campos (filho do governador de Tocantins, Siqueira Campos). "O risco é que essa imensa bancada de familiares decida votar unida. Se isso acontecer, são capazes de fazer uma reforma constitucional", brinca o deputado Fernando Santana (PCB-BA).